

# Fotografia e jornalismo: interfaces antigas e contemporâneas

*Anna Letícia Pereira de Carvalho*

**I**nvestigar a fotografia aliada ao jornalismo é refletir sobre os usos da imagem fotográfica e as transformações por quais ela passou em termos de captação, transmissão e consumo. E é nesse contexto globalizado, onde somos bombardeados por imagens, que se faz necessário discutir o papel da fotografia como construtora de olhares. Isso só é possível graças a trabalhos como “Fotografia e Jornalismo – A informação pela imagem”, de Dulcilia Buitoni, que atendem a uma demanda crescente em entender o papel da fotografia na imprensa e na cultura atual.

Dulcilia Schroeder Buitoni é professora do programa de pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero e coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Visual do CNPq, além de ser a atual coordenadora do Grupo de Pesquisa de Fotografia da Intercom. Formada em Jornalismo e Direito pela Universidade de São Paulo é mestre, doutora e livre-docente pela mesma universidade. Foi professora da ECA-USP de 1972 a 2005 e do programa de pós-graduação desde 1982. Suas publicações refletem a formação voltada para os estudos da imprensa e do papel da imagem no jornalismo e na cultura visual. Dentre suas obras destacam-se “Mulher de Papel – A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira” lançado em 2009 e o recente “Fotografia e Jornalismo – A informação pela imagem” de 2011.

Poucas vezes encontramos discutida a relação entre teorias consagradas e as mais recentes sobre o estudo de imagens. Dividido em treze capítulos, “Fotografia e Jornalismo” atende a uma crescente demanda por teorias necessárias para o entendimento das imagens jornalísticas. Desde a introdução até o final, é perceptível a presença da historicida-

## **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem**

*Dulcilia S. Buitoni*

*São Paulo: Editora Saraiva, 2011. 196 p.*



de na contextualização dos fatos aliados às teorias, demonstrando a necessidade de se conhecer a história da imagem para a reflexão acerca de seus usos e de sua leitura. E, logo no início, a autora chama atenção para a necessidade do desenvolvimento do olhar, atitude que percorrerá todo o livro para culminar no conceito de “imagem complexa” nos últimos capítulos.

Dulcilia Buitoni expõe as diversas facetas epistemológicas dos estudos da imagem: utiliza autores consagrados como Walter Benjamin, Philippe Dubois, Vilem Flusser, Pierre Bourdieu e, dessa forma, recorre a noções de reprodutibilidade técnica, da semiótica aplicada à imagem, de filosofia e de sociologia da imagem. Além disso, a obra também é baseada em teóricos brasileiros como Arlindo Machado, Boris Kossoy e Lucia Santaella, onde a noção da imagem é confrontada com seu valor documental, chamando sempre a atenção para as imagens da atualidade: “O questionamento sobre a relação com o real aparece em todos os sistemas de representação criados

pelo ser humano. A máquina ótica e química substituiu a mão, o olho, lápis e pincéis dos desenhistas e pintores – e assim a fotografia redistribuiu as relações que existiam entre a imagem, o real e o artista” (p. 35).

Ao trazer diversos autores, a pesquisadora mostra que as teorias sobre as imagens têm sido recorrentes em diversas disciplinas que vão desde a sociologia e a filosofia até a comunicação e, desse modo, ela produz uma trama de referenciais, que mesmo provenientes de diversas áreas teóricas, possuem diálogos e reflexões que se complementam. Assim, são apresentados diversos caminhos que convergem no estudo do fotojornalismo. Dulcília se atém à utilização das imagens na imprensa brasileira e mundial em alguns capítulos, mostrando que, novamente, a contextualização é primordial para entender os usos da imagem no jornalismo. “A indústria da informação opera com um regime próprio de visibilidade; isso quer dizer que há uma definição de padrões do que é a fotografia para jornal, para revista semanal, para revistas masculinas ou femininas, para revistas especializadas (p. 85).

A autora descreve diversas formas de utilização da imagem no jornalismo, mostrando que apesar das grandes mudanças de suporte, as fotografias ainda são utilizadas para fins parecidos e possuem temáticas similares, mesmo sendo provenientes de fontes distintas, como fotógrafos *freelancers* e agências de notícias.

O livro alcança o seu auge nos últimos cinco capítulos onde se inicia a estruturação da pedagogia do fotojornalismo, a relação entre imagem e texto, o conceito de imagem complexa e uma análise da imagem em movimento. Para a pesquisadora, a educação fotojornalística é essencial para o desenvolvimento do olhar e para a compreensão de que a fotografia pode ser um elemento transformador da realidade, independente de seu suporte.

O capítulo onze apresenta conceitos contemporâneos de compreensão das imagens,

como o desenvolvimento epistêmico defendido pelo pesquisador Joseph Català, da Universidad Autònoma de Barcelona, em seu texto sobre a “imagem complexa”. Para a autora e o pesquisador, observar a complexidade das imagens é um caminho teórico – e aplicado – muito valioso para a análise e a produção das imagens contemporâneas. A quantidade abusiva de imagens nos dias atuais faz com que elas sejam vistas apenas em sua superficialidade.

Dulcília defende aprofundamento maior no que Català (2011) chama de “aprender a ver”, processo que envolve interpretações que advêm de esquemas cognitivos de pensamento visual e da simbologia ligada ao nosso imaginário. Não existem imagens isoladas, todas aparecem em conjuntos relacionados a textos visuais e a textos verbais. É o que Català chama de ecologia da imagem, isto é, essa leitura interpretativa que está sempre em contínua interação, pois uma imagem está sempre dentro de um contexto espacial e temporal do qual a sua capacidade de representação se alimenta.

Apesar de toda a carga teórica, a presença de imagens de fotógrafos brasileiros consagrados entre os capítulos permite uma exploração sensível ao longo da leitura, além da compreensão de mecanismos imagéticos e questionamentos sobre as relações com o real. Essas fotografias, de nomes como Thomas Farkas, Fernando de Tacca, Boris Kossoy, Juca Martins, estimulam experiências calçadas em diversos caminhos epistemológicos. O livro discorre sobre o papel das imagens como construtoras da cultura na sociedade atual; seu estudo é fundamental para o entendimento da circulação da informação. A forte pesquisa histórica e o quadro de referências contribui para desenvolver um pensamento imagético.

(resenha recebida abr.2012/aprovada mai.2012)

**Anna Letícia Pereira De Carvalho**, mestranda em Comunicação na Faculdade Cásper Líbero.